

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Lingüística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

## SESSENTA ANOS DE LINGÜÍSTICA APLICADA: DE ONDE VIEMOS E PARA ONDE VAMOS<sup>1</sup>

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG/CNPq/FAPEMIG)  
Marina Morena dos Santos e Silva (bolsista de IC do CNPq)  
Iran Felipe Alvarenga e Gomes (bolsista de IC da FAPEMIG)

To know the history of science is to recognize the mortality of any claim to universal truth. Evelyn Fox Keller, *Reflections on Gender and Science*, 1995

Este texto está organizado da seguinte forma. A parte histórica e as reflexões sobre lingüística aplicada (LA) são de responsabilidade da primeira autora, daí o uso da primeira pessoa do singular. Os dados sobre os periódicos internacionais foram coletados, organizados e analisados pela segunda autora e os dados sobre os periódicos nacionais foram coletados, organizados e analisados pelo terceiro autor.

### 1. O que é lingüística aplicada?

Parece haver consenso de que o objeto de investigação da (LA) é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou outra língua, seja em qualquer outro contexto onde surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem. Como afirma Kaplan (1985, p.4), “a noção de que a língua deve ser estudada em relação a um contexto tomou conta do pensamento dos lingüistas aplicados” e eu acrescento que isso acontece independentemente das escolhas teóricas e metodológicas. Existe uma suposta separação entre os estudos da LA e os estudos lingüísticos, mas como veremos mais à frente, esse hiato entre as duas áreas está cada vez menos evidente.

A lingüística aplicada nasceu como uma disciplina voltada para os estudos sobre ensino de línguas estrangeiras e hoje se configura como uma área imensamente produtiva, responsável pela emergência de uma série de novos campos de investigação transdisciplinar, de novas formas de pesquisa e de novos olhares sobre o que é ciência.

Cavalcanti (1986) registra que a LA “foi vista durante muito tempo como uma tentativa de aplicação de lingüística (Teórica) à prática de ensino de línguas” (p.50), ou

---

<sup>1</sup> Agradeço aos amigos John Schmitz e Adail Rodrigues Júnior pelos comentários e contribuições a este texto.

seja, voltada para as questões de métodos e técnicas de ensino. Essa tendência ainda é forte na área, mas muitas outras questões emergiram dos contextos escolares, profissionais e midiáticos. Na visão de Kalaja (s.d.), existe uma visão restrita da LA, definida como pesquisa em ensino e aprendizagem e uma visão ampla – lingüística aplicada a problemas do mundo real. Eu diria que existem três visões: ensino e aprendizagem (ex. trabalhos sobre estratégias de aprendizagem de língua estrangeira), aplicação de lingüística (ex. investigações sobre os princípios e parâmetros da gramática gerativa na interlíngua de aprendizes de língua estrangeira) e investigações aplicadas sobre estudos de linguagem como prática social (ex. estudos sobre identidade).

## 2. De onde viemos

Segundo Tucker (s.d.), o primeiro curso independente de LA aconteceu na Universidade de Michigan, em 1946, onde lecionavam Charles Fries e Robert Lado. Segundo o mesmo autor, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, LA significava a aplicação de uma chamada ‘abordagem científica’ ao ensino de línguas estrangeiras. Essas informações são confirmadas no verbete do *Concise Oxford Companion to the English Language*:

**LINGÜÍSTICA APLICADA.** Aplicação da lingüística ao estudo e melhoria do ensino de línguas, aprendizagem de línguas, planejamento lingüístico, comunicação entre grupos, terapia de fala e gerenciamento de problemas de fala, sistemas de comunicação, tradução e interpretação, e lexicologia. A maior parte dos trabalhos em lingüística aplicada até agora se concentra em ensino e aprendizagem de língua, especialmente Inglês como língua estrangeira ou segunda língua. A origem do termo deve sua origem nos programas americanos de ensino de línguas durante e após a segunda guerra mundial, amplamente baseados no Outline Guide for the Practical Study of Foreign Languages<sup>2</sup> (1942), de Leonard Bloomfield. Esse trabalho foi influenciado pelos iniciadores do Método Direto, em particular Henry Sweet. Em 1948, Charles C. Fries, na Universidade de Michigan, deu início ao periódico Language Learning: A Quarterly Journal of Applied Linguistics, com apoio de Kenneth L. Pike e W. Freeman Twaddell, dentre outros, com o objetivo de disseminar informações sobre o trabalho do Instituto Fries de Língua Inglesa (fundado em 1941). Na Grã Bretanha, uma Escola de Lingüística Aplicada foi criada por J. C. Catford, na Universidade de Edinburgh, em 1956, e em Washington, DC, foi fundado o Centro para Lingüística Aplicada sob o comando de Charles Ferguson em 1959. Institutos semelhantes têm sido criados em várias partes do mundo. Associações nacionais de lingüística aplicada se uniram, em 1964, para formar a

---

<sup>2</sup> Grifos no original

*Association internationale de la linguistique appliquée (AILA)*, que organiza um congresso internacional a cada 4 anos com a publicação de anais.<sup>3,4</sup>

É interessante ler o editorial do primeiro volume da revista *Language Learning*, citada no verbete, onde Davis (1948) apresenta uma justificativa para a criação do novo periódico. Segundo ele, os periódicos de filologia continham artigos sobre aspectos da lingüística histórica e da crítica textual; os de lingüística, apesar dos inúmeros artigos de natureza descritiva, não se preocupavam com as implicações pedagógicas da ciência lingüística; e os de educação se dedicavam a questões pedagógicas gerais. *Language Learning* se propunha, então, a publicar apenas artigos pedagógicos quando o assunto envolvido fosse a língua. O editorial afirmava que os periódicos já estabelecidos e que se dedicavam ao ensino de línguas estrangeiras continham artigos baseados em análises gramaticais convencionais e que essa nova publicação iria priorizar “descobertas indutivas da ciência lingüística” nos seguintes campos:

Lingüística descritiva geral, descrição de línguas específicas, comparação descritiva de duas ou mais línguas, a linguagem das crianças, bilingüismo, o ensino de lingüística geral, o ensino de línguas específicas, objetivos de ensino, materiais de ensino, métodos de ensino, e experimentos educacionais. (DAVIS, 1948, p.2)

Ao contrário do que diz o verbete do *Concise Oxford Companion to the English Language* e do conceito que se estabeleceu no senso comum, a LA não nasceu como aplicação da lingüística, mas como uma perspectiva indutiva, isto é, uma pesquisa advinda de observações de uso da linguagem no mundo real, em oposição à língua idealizada. Essa nova forma de fazer ciência abalou a academia e se confrontou com a pesquisa tradicional dentro de modelos teóricos e metodológicos muito rígidos.

Atualmente, o periódico, cujo nome mudou para *Language Learning: A Journal of Research in Language Studies*, apresenta, em sua página na web, a seguinte missão:

*Language Learning* é um periódico científico, dedicado ao estudo da aprendizagem de línguas definida de forma ampla. Ele publica artigos de pesquisa que aplicam, de forma sistemática, métodos de pesquisa de disciplinas tais como psicologia, lingüística, ciência cognitiva, pesquisa educacional, neurociência, etnografia, sociolingüística, sociologia e semiótica. O periódico tem interesse em questões teóricas fundamentais como a

---

<sup>3</sup> Uma correção deve ser feita ao verbete, pois os congressos da AILA, atualmente, acontecem de 3 em 3 anos. O primeiro aconteceu em 1964, na França, o segundo, em 1969 em Cambridge. A partir de então, os eventos passaram a obedecer a periodicidade de 3 anos.

<sup>4</sup> Essa e as demais traduções são de minha responsabilidade.

aquisição de línguas por crianças, a aquisição de segunda língua ou de língua estrangeira, educação lingüística e bilingüismo.

Como podemos observar, o texto têm dois aspectos centrais : o diálogo com outras disciplinas e as questões teóricas em temas associados à aprendizagem de línguas.

Nos anos cinquenta, a LA se institucionaliza com a fundação, em 1956, da Escola de Lingüística Aplicada da Universidade de Edinburgh , uma iniciativa do Conselho Britânico, e do Centro de Lingüística Aplicada, em 1957, com o apoio da Fundação Ford, em Washington (Strevens, 1991). Atualmente, o foco central das pesquisas do Centro de Lingüística Aplicada é o letramento. Já o curso de LA de Edinburgh tem o seguinte objetivo:

Em Lingüística Aplicada, lidamos com o conhecimento sobre a linguagem, como ela funciona e como é usada para contribuir com questões da vida real. Examinamos o uso da linguagem em um número variado de situações sociais (ex. uso da linguagem na conversa cotidiana, em situações educacionais, em contextos médicos, etc.). Focamos a variação lingüística (ex. bilingüismo, sotaques, dialetos, etc.) versus a diversidade social (ex. gênero, classe, etnia, etc.). Consideramos, também, com o o conhecimento sobre a língua usada em contextos sociais reais pode impactar a vida das pessoas.

É visível na descrição do curso a diversidade de contextos e de questões da linguagem possíveis de serem estudadas sobre o prisma da LA.

A LA se expandiu na segunda metade do século passado , tanto no exterior como no Brasil, com a criação, de norte ao sul do país, de muitas linhas de pesquisa, programas de pós-graduação ou área de concentração em LA. Alguns marcos dessa expansão são: (1) a criação, em 1970, do Programa de Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC-SP, posteriormente Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), com a criação do doutorado em 1980, conforme informações na página na *web* do programa. Na década de 80, o programa lançou a revista D.E.L.T.A (Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicados), embora com foco maior na lingüística; e (2) a criação do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas e seu periódico *Trabalhos em Lingüística Aplicada* (CUNHA, 2003; CAVALCANTI, 2004). Esses dois programas de pós-graduação foram responsáveis pela formação de lingüistas aplicados de vários estados brasileiros e pela disseminação da pesquisa em conjunto com a produção de muitos outros programas brasileiros que criaram áreas de concentração em LA como a UFMG, por exemplo, ou muitos outros programas em Letras ou Lingüística que abriram linhas de pesquisa nessa vertente. (3) Outro marco é a criação da ALAB (Associação de Lingüística Aplicada do Brasil) em 1990.

Se a pós-graduação se destacava no impulso à LA, o mesmo não se podia dizer da graduação. O primeiro registro de reconhecimento da necessidade de contratação de profissional em LA na graduação, só aconteceu em 2004, quando a Faculdade de Letras da UFMG abriu concurso para contratação de professor em LA para atuar na graduação. Essa ação foi motivada pela Resolução n.2 de fevereiro de 2002, do Conselho Nacional de Educação que dispõe sobre a formação de professor, e o conseqüente aumento da carga didática dos conteúdos de formação de professor nos cursos de Letras. Em 2007, a mesma Faculdade institucionaliza a área de LA ao criar duas novas áreas a de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras e a de Tradução, dando-lhes o mesmo status das demais e permitindo que professores tenham lotação única ou dupla de forma a atuarem em uma ou mais áreas. No entanto, o conceito de LA continua atrelado às questões voltadas para o ensino e aprendizagem, o que é plenamente justificado pela demanda curricular.

Kaplan (1985) afirma que a LA nos seus primórdios se concentrava, essencialmente, na pesquisa sobre ensino de línguas, naquele momento, sobre forte influência do behaviorismo comportamental e do estruturalismo lingüístico. Nos anos 80, amplia-se o escopo da área e Kaplan comprova sua afirmação, citando os objetivos do periódico *Applied Linguistics*, quando de seu lançamento em 1980.

Dar prioridade aos trabalhos que desenvolvem conexões específicas entre os estudos lingüísticos teóricos, a pesquisa educacional, e o planejamento e a implementação de programas práticos. Dentro dessa perspectiva, o periódico aceita contribuições em áreas de interesse tais como o ensino e a aprendizagem de primeira e de segunda língua, bilingüismo e educação bilíngüe, análise de discurso, tradução, testes, ensino de língua, metodologia, planejamento lingüístico, estudo das interlínguas, estilística, e lexicografia. (in KAPLAN, 1985, p. 3-4)

De fato, a revista fomenta estudos em análise do discurso, tradução, estilística, lexicografia, além dos temas já tradicionais. As informações atuais na página da revista, disponível no Portal da CAPES<sup>5</sup> na web, mudam novamente o foco.

A *Applied Linguistics* publica pesquisa sobre linguagem que dê relevância aos problemas reais do mundo. O periódico promove pesquisas, com abordagens éticas e multidisciplinares, sobre questões relacionadas com a linguagem em vários campos abrangidos pela lingüística aplicada.

---

<sup>5</sup> O Portal da CAPES é um diretório com acesso a 11.419 periódicos eletrônicos assinados pela CAPES e disponível para 163 instituições de pesquisa no Brasil, segundo dados disponíveis, em 08 de janeiro de 2008, na página na web <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>

A revista pretende incentivar o estabelecimento de conexões entre campos, teorias, métodos de pesquisa, e discursos acadêmicos, e acolhe contribuições que refletem criticamente sobre práticas correntes na pesquisa em lingüística aplicada. Ele promove a discussão científica e acadêmica sobre questões que unem e dividem os pesquisadores em lingüística aplicada. O periódico publica, também, resenhas sobre novas publicações no campo multidisciplinar da lingüística aplicada.

Percebe-se que o periódico deixa de listar temas específicos para concentrar-se em problemas de linguagem no mundo real, com incentivo à multidisciplinaridade nos vários campos da LA. O periódico, sabiamente, não especifica os diferentes campos do saber, pois esses são muitos e, a cada dia, surgem novas vertentes de investigação. Além disso, a revista reconhece que há temas que unem e outros que dividem os intelectuais da área e isso, em minha opinião, sinaliza o crescimento da LA, pois a ciência progride quando não há consenso. A LA avança, como aponta Moita Lopes (2006) como uma (in)disciplina, sem limites rígidos, híbrida e heterogênea (a esse respeito ver Moita Lopes neste livro).

No dizer de Clandlin (2003, p.79), a LA desafiou a idéia de uma única meta-teoria para definir uma disciplina e “ocupa, essencialmente, aquela posição pluricentrista característica da condição intelectual pós-moderna<sup>6</sup>”, tornando-a adaptativa a mudanças e acomodadora das contradições. Na opinião de Clandlin, essa natureza fragmentada não é algo negativo, pois torna a LA forte, responsiva, dinâmica, e vibrante.

Outro periódico, citado por Kaplan (1985, p. 4), é o *Annual Review of Applied Linguistics* que, naquela época, apresentava um amplo escopo de interesse, incluindo seções sobre “pidginização e criolização, ensino de língua mediado por computador, língua dos sinais, política lingüística, linguagem-na-educação, letramento, e um número de outras áreas” (KAPLAN, 1985, p.4).

Atualmente, esse periódico, que tem por objetivo apresentar “revisões de pesquisa em áreas chave no amplo campo da lingüística aplicada”, em números temáticos, lista em sua página na web, também disponível no Portal da CAPES, os seguintes campos de investigação: “aprendizagem de línguas e pedagogia, análise do discurso, inovações no ensino, aquisição de segunda língua, instrução mediada por computador, língua em uso em contextos profissionais, sociolingüística, política lingüística, e avaliação”.

Cavalcanti (1986) acredita que há uma inadequação na denominação da área, pois a LA vai além da aplicação de teorias, pois já, naquela época, começava a desenvolver seus modelos teóricos. A pesquisadora ressaltava, também, o caráter multidisciplinar da LA em sua preocupação com questões de uso da linguagem. Nesse mesmo texto, Cavalcanti explica que o percurso da pesquisa em LA se inicia com a identificação de uma questão de uso da linguagem (não apenas no contexto escolar),

---

<sup>6</sup> Essa e todas as demais traduções são de minha responsabilidade.

seguida de busca de subsídios em áreas de investigação relevantes para depois empreender a análise da questão prática e as sugestões de encaminhamento.

Para Strevens (1991), uma característica da LA é lidar com tarefas práticas, mas ele também rejeita a visão de que a tarefa da LA seja a aplicação de teoria lingüística e ressalta seu caráter multidisciplinar. Na mesma linha, Celani apresenta uma argumentação muito convincente sobre o lugar da LA. Diz ela:

Em uma representação gráfica da relação da LA com outras disciplinas com as quais ela se relaciona, a LA não apareceria na ponta de uma seta partindo da lingüística. Estaria provavelmente no centro gráfico, com setas bidirecionais dela partindo para um número aberto de disciplinas relacionadas com a linguagem, dentre as quais estaria a Lingüística, em pé de igualdade, conforme a situação, com a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Pedagogia ou a tradução. As imagens da encruzilhada e da ponte com duas mãos de direção, sugeridas por Pap<sup>7</sup>, estão bem claras na mente dos lingüistas aplicados. (1992, p.21)

Entendo que essa centralidade proposta por Celani não implica, de forma alguma, uma superioridade em relação às outras áreas, mas a ausência de fronteiras que caracteriza a LA, ou a indisciplinaridade como propõe Rajagopalan (1997, p.4) quando confessa não mais reconhecer “a necessidade de manter com tanto zelo e ciúme as fronteiras entre as disciplinas”. Esse conceito do indisciplinar é expandido por Moita Lopes (2006 e capítulo neste livro) ao propor a lingüística aplicada “mestiça”.

Aparentemente, parece fácil definir a LA em oposição à lingüística. Supostamente, a lingüística teria como interesse a língua como um construto abstrato ou internalizado e a lingüística aplicada estudaria as manifestações da língua externa, da língua em uso, contextualizada. Apesar de ser essa a distinção mais comum, caracterizar a lingüística dessa forma seria ser fiel aos estudos chomskianos, mas deixaria de fora todos os estudos lingüísticos que focam a língua em uso.

Brumfit (2003, p.299) distingue essas duas áreas dizendo que “[T]radicionalmente, a pesquisa em lingüística investiga a língua como um fenômeno; recentemente, a pesquisa em lingüística aplicada vem investigando a língua como uma prática”. No entanto, essa dicotomia não descreve o que acontece na realidade. Com o passar do tempo, observo que as duas áreas estão cada vez mais próximas e ser lingüista ou lingüista aplicado acaba sendo muito mais uma questão de afiliação do que de distinção epistemológica ou metodológica. Veja por exemplo os estudos em análise do discurso no Brasil. Alguns pesquisadores se rotulam como lingüistas aplicados e outros como lingüistas. Os sociolingüistas nunca aderiram à lingüística aplicada. Da mesma forma, um grande número de estudiosos sobre letramento se identifica como lingüistas e muitos pesquisadores que fazem estudos formais sobre interlíngua na área de aquisição de segunda língua se denominam lingüistas aplicados.

---

<sup>7</sup> Celani refere-se a PAP, L. What do you mean by applied linguistics. In: EWTON, R.W. and ORSTEIN, I (Eds.). *Studies in language and linguistics*. El Paso, Texas: Western Press, 1972.

Se examinarmos os temas e anais dos congressos das associações de lingüística, veremos que a distinção entre as duas áreas fica cada vez mais tênue, pois há um predomínio de pesquisas que não lidam com o uso da língua como um construto idealizado, mas com a língua em uso e/ou com o seu ensino.

É curioso, também, saber que o 53º Congresso da Associação Internacional de Lingüística (ILA), em 2007, teve como o tema “Políticas Lingüísticas e Planejamento Lingüístico”, tema este há muito abraçado pela LA. A ALAB, por exemplo, já promoveu dois eventos sobre Política Lingüística no Brasil e esse é um dos temas presentes na AILA.

### 3. Aonde chegamos

A AILA, em sua *homepage*, descreve a área da seguinte forma:

A lingüística aplicada é um campo de pesquisa e de prática interdisciplinar lidando com problemas práticos da linguagem e da comunicação que podem ser identificados, analisados ou resolvidos com a aplicação de teorias disponíveis, métodos e resultados da lingüística ou desenvolvendo novos arcabouços teóricos e metodológicos para lidar com esses problemas. A lingüística aplicada difere da lingüística geral, principalmente no que diz respeito à sua orientação explícita em direção à prática, aos problemas do dia a dia relacionados com a linguagem e a comunicação.

**Os problemas com os quais a lingüística aplicada lida** vão dos aspectos da competência lingüística e comunicativa do indivíduo, tais como a aquisição de primeira ou segunda língua, letramento, distúrbios de linguagem, etc. a problemas relacionados com linguagem e comunicação nas sociedades e entre as sociedades como, por exemplo, a variação lingüística e a discriminação lingüística, o multilinguismo, o conflito lingüístico, a política lingüística e o planejamento lingüístico .

Essa descrição contempla a aplicação de teorias e a geração de teorias e de metodologias. Elenca alguns dos temas estudados, mas muitos são deixados de fora.

Para se ter uma idéia do amplo escopo da LA, podemos recorrer aos índices de dois *Handbooks* sobre o tema. O primeiro editado por Kaplan (2002) e o segundo por Davies e Elder (2004). Kaplan insere os 39 capítulos em 11 partes, incluindo introdução e conclusão. A seguir apresento as seções e, entre parênteses, o número de capítulos em cada uma delas.



1. Introdução (2)
2. As quatro habilidades: falar, ouvir, ler e escrever (4)
3. Análise do discurso (1)
4. O estudo da aprendizagem de segunda língua (8)
5. O estudo do ensino de segunda língua (3)
6. Variação no uso da língua e no desempenho lingüístico (3)
7. Bilingüismo e o aprendiz individual (3)
8. Multilingüismo na sociedade (5)
9. Política e planejamento lingüístico (3)
10. Tradução e interpretação (2)
11. Avaliação da linguagem e de programa (2)
12. Aplicação tecnológica em lingüística aplicada (2)
13. Conclusão (1)

Davies e Elder (2004) dividem o livro em duas partes: Lingüística Aplicada (Applied-Linguistics) e Aplicação de Lingüística (Linguistics-Applied). Eles entendem que a Lingüística Aplicada tem um “olhar externo com o objetivo de explicar, ou até melhorar, problemas sociais, enquanto a Aplicação de Lingüística olha para dentro e não se preocupa em resolver problemas “no mundo real”, mas explicar ou testar teorias sobre a própria língua”. No primeiro grupo, da Aplicação de Lingüística, eles incluíram 16 artigos sobre os seguintes temas:

1. Descrições lingüísticas
2. Lexicografia
3. Aquisição de segunda língua e proficiência final
4. Corpora lingüísticos
5. Análise do Discurso
6. Língua dos sinais britânica
7. Avaliação de atitudes lingüísticas: estudos sobre a avaliação do falante
8. Perda lingüística
9. Linguagem, pensamento, e cultura
10. Análise conversacional
11. Linguagem e direito
12. Linguagem e gênero
13. Estilística
14. Linguagem e política
15. Inglês no mundo (World Englishes)
16. A filosofia da lingüística aplicada

No segundo grupo, da Lingüística Aplicada, os autores reuniram 18 artigos sobre temas diversos:

1. O falante nativo na lingüística aplicada
2. Minorias lingüísticas
3. Métodos de pesquisa para a lingüística aplicada
4. Escopo, características, e padrões
5. Aprendizagem de segunda língua
6. Diferenças individuais em aprendizagem de segunda língua
7. Influências sociais em aprendizagem de língua
8. Estudos sobre letramento
9. Tendências em metodologia de ensino de línguas
10. Ensino de Línguas mediado por computador (ELMC)
11. Formação de professor de línguas
12. A Prática do falante nativo em lingüística aplicada
13. A prática de linguagem para fins específicos
14. Educação bilíngüe
15. Manutenção da língua
16. Planejamento lingüístico como lingüística aplicada
17. Testes
18. Lingüística aplicada crítica

Apesar da questionável divisão em Lingüística Aplicada e Aplicação de Lingüística, esse agrupamento de temas nos dá uma visão panorâmica dos diversos empreendimentos que se abrigam na área de LA.

Outra referência poderia ser os agrupamentos de pesquisadores da AILA. Até 2007, a associação abrigava 25 grupos de trabalho identificados como “comissões científicas” que se organizavam em torno de investigações sobre os seguintes temas:

1. Aprendizagem de línguas por adultos
2. Linguagem infantil
3. Comunicação nas profissões
4. Lingüística contrastiva e análise de erros
5. Análise do discurso
6. Tecnologia educacional e aprendizagem de línguas
7. Metodologia de ensino de línguas estrangeiras e formação de professor
8. Lingüística forense
9. Educação em contexto de imersão
10. Interpretação e tradução
11. Língua em contato e mudança lingüística
12. Linguagem e ecologia
13. Linguagem e educação em contextos multilíngües
14. Linguagem e gêneros
15. Linguagem e Mídia
16. Linguagem para fins específicos
17. Planejamento lingüístico
18. Autonomia do aprendiz na aprendizagem de língua

19. Lexicografia
20. Letramento
21. Educação em língua materna
22. Psicolinguística
23. Retórica e estilística
24. Aquisição de segunda língua
25. Linguagem dos sinais

Além desses temas, aqui listados, Candlin (2003) aponta, ainda, avaliação de programas, avaliação de linguagem, patologia de linguagem, discursos institucionais, linguagem e identidades sociais, linguagem e vida social. Bygate (2004) aumenta a lista, incluindo patologia da linguagem, perda da língua, linguagem e desenvolvimento profissional, linguagem e família, linguagem e serviços públicos, linguagem e saúde, linguagem e direitos humanos, e linguagem e desenvolvimento internacional.

Seidlhofer (2003, p.270), apesar de reconhecer a ampliação da listagem da AILA, critica o fato de não haver “quaisquer princípios unificadores ou critérios definidores do que seria incluído em LA”. Ela pergunta por que se inclui análise do discurso e psicolinguística e porque ficam de fora a pragmática e a sociolinguística. Ela duvida se todas essas áreas foram intensamente estudadas e demonstra curiosidade sobre quais demandariam mais exploração. Seidlhofer (2003) propõe que o mais fácil para caracterizar a LA seria seu modo de pesquisa, ou seja, como se explora essa relação entre a teoria e a prática.

No 13º Congresso da AILA, realizado em Singapura, em 2002, os presidentes das diversas associações de LA de vários países, em reunião com a diretoria, fizeram uma análise da atuação dessas Comissões Científicas e chegou-se à conclusão da necessidade de se redefinir a metodologia de constituição e acompanhamento desses grupos, pois nem todos eram atuantes. Isso está sendo feito agora, em 2008, ao final da segunda gestão de Susan Gass como presidente da AILA. As comissões serão substituídas por redes de pesquisa – ReN (Research Networks – com o objetivo de reunir e disseminar informação em todas as áreas acadêmicas da associação com foco especial naquelas com potencial transdisciplinar. A AILA planeja criar 15 grupos para trabalharem durante 3 anos, podendo se renovar por uma vez, com duração total de até 6 anos. A idéia é oxigenar a formação de grupos produtivos, dando espaço para novas idéias. Sem grupos fixos, a associação pode motivar a emergência de novos temas de pesquisa.

Cook (2003) aborda o escopo da LA de uma forma interessante. Ele diz que como a linguagem está implicada em nossa vida diária, há um número aberto de atividades onde a LA seria relevante e propõe três áreas gerais: (1) linguagem e educação, (2) linguagem, trabalho e leis, e (3) linguagem, informação e efeitos. Cada uma dessas áreas abrigaria uma série de estudos. A primeira incluiria aquisição de língua materna e estrangeira, estudos clínicos e avaliação. A segunda abrangeria a comunicação no trabalho, planejamento linguístico, e linguística forense. A terceira compreenderia estilística literária, análise crítica do discurso, tradução e interpretação, questões de edição, e lexicografia.

Fica claro que nenhuma das taxionomias aqui apresentadas consegue abranger todas as possibilidades e nem sei se deveria, pois como todo sistema complexo a LA é um sistema aberto e, de suas interações com os problemas de linguagem no mundo real e com os outros campos do saber, nascem inúmeras possibilidades de novos estudos.

#### **4. A pesquisa em LA**

De acordo com Cavalcanti (2004, p.25), na década de 70 , a pesquisa em LA no Brasil, focava a análise contrastiva e, nos anos 80, a leitura. No início da década de 90, a subárea de línguas estrangeiras estava bem consolidada. Cavalcanti ressalta que o final da década de 90 mostra sinais de diversificação nas pesquisas e LA se consolida no Brasil.

Para obter um retrato da última década, desenvolvemos um projeto de pesquisa em busca de uma visão panorâmica da produção internacional e nacional em LA. O objetivo geral do projeto foi o levantamento de temas, métodos de pesquisa e teorias mais recorrentes na área de Lingüística Aplicada. Assim, a pesquisa, desenvolvida entre agosto de 2006 e janeiro de 2008, buscou responder às seguintes perguntas:

1. Quais são os principais temas de pesquisa em Lingüística Aplicada?
2. Esses temas correspondem às comissões científicas da AILA (Associação Internacional de Lingüística Aplicada)?
3. Quais são os principais métodos de pesquisa utilizados?
4. Quais são as teorias mais mencionadas?

#### **4.1. Metodologia**

Para o levantamento dos temas, das teorias e dos métodos mais recorrentes na pesquisa internacional, foram analisados sete periódicos internacionais e cinco nacionais<sup>8</sup>. Os periódicos internacionais foram: *Annual Review of Applied Linguistics*, *International Journal of Applied Linguistics*, *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching (IRAL)*, *System: An International Journal of Educational Technology and Applied Linguistics*, *Language Learning*, *Modern Language Journal* e *Studies in Second Language Acquisition*. Os periódicos nacionais investigados foram: *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*; *Trabalhos em Lingüística Aplicada*; *ESpecialist*, *Linguagem e Ensino*, e *D.E.L.T.A*.

Os artigos internacionais foram gravados em CDs e analisados seus últimos 10 anos, ou seja, de 1996 a 2006. Foram analisados também os 10 últimos anos dos periódicos nacionais, privilegiando o formato online. Apenas o periódico *Trabalhos em*

---

<sup>8</sup> A pesquisa nos periódicos internacionais foi feita por Marina Morena dos Santos e Silva e nos nacionais por Iran Felipe Alvarenga e Gomes.

*Linguística Aplicada* não possui versão online. Os demais foram pesquisados através de suas versões na web. As revistas *Linguagem e Ensino* e *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* são mais recentes. A primeira foi criada em janeiro de 1998 e a segunda em outubro de 2001. Assim, o corpus destes dois periódicos foi inferior a 10 anos.

Planilhas foram montadas com os títulos e os respectivos autores de todos os artigos de cada periódico juntamente com o nome da revista, volume, número e ano. Posteriormente, foram levantados os temas, as teorias e as metodologias.

Para a coleta dos dados nos periódicos, foi feita uma leitura do resumo de cada artigo juntamente com a estratégia de *scanning*<sup>9</sup> para localizar as informações sobre as teorias e as metodologias ao longo do artigo. Além disso, quando possível, foi utilizada a ferramenta de busca, ou localizador do software PDF (formato dos artigos online), com o auxílio de palavras chaves como metodologia, teoria, etc. .

Foram analisados 1446 artigos internacionais e 691 nacionais. Antes da análise dos dados, os bolsistas fizeram leituras sobre metodologia de pesquisa e discutiram suas dúvidas em seminários com a orientadora, em conjunto com uma terceira bolsista que investigava apenas as revistas cujo foco era linguagem e tecnologia. Após o levantamento das informações de cada artigo, foram separados os casos que apresentavam mais dificuldade e estes foram, posteriormente, discutidos nas reuniões do grupo com a orientadora. Mesmo assim, consideramos que pode haver falhas nas classificações, mas isso não impede que tenhamos uma visão geral da área.

## **5. A pesquisa internacional**

A bolsista procurou classificar os 1446 artigos pelos títulos e palavras chaves e os agrupou em vinte temas gerais. Em seguida, usando estratégias de leitura de *scanning*, procurou identificar a teoria de suporte e a metodologia em cada artigo.

### **5.1. Temas**

O tema mais recorrente foi Ensino e aprendizagem de línguas, onde foram agrupados todos os artigos relacionados com o ensino e/ou a aprendizagem de línguas de uma forma geral. Temas específicos foram categorizados separadamente. Logo em seguida temos Aquisição de segunda língua e Análise de Interações orais. O tema menos recorrente foi Inglês como língua franca ou língua internacional com apenas 7 artigos, o equivalente a 0,48 %.

---

<sup>9</sup> **Scanning** é uma estratégia de leitura que se caracteriza pela leitura rápida, para achar uma informação específica.

<b>Temas</b>	<b>Nº de artigos</b>
1. Ensino e aprendizagem de línguas	295
2. Aquisição de segunda língua	247
3. Interações orais	219
4. Vocabulário	124
5. Letramento (escrita)	121
6. Reading	57
7. Pronúncia	53
8. Estratégias de Aprendizagem	50
9. Gramática	49
10. Foco no Aprendiz	45
11. Interação, comunicação e aprendizagem mediada por computador	37
12. Teste e Avaliação	29
13. Compreensão oral	27
14. Gênero (masculino/feminino)	19
15. Crenças de professores e de aprendizes	16
16. Lingüística Aplicada: Reflexões sobre a área e sobre a pesquisa	15
17. Tradução	13
18. Língua, Cultura e Ideologia	12
19. Currículo	11
20. Inglês como língua franca ou língua internacional	7
<b>Total</b>	<b>1446</b>

FIGURA 1 – Temas de pesquisa em periódicos internacionais

## 5.2. Teorias

Poucas teorias foram identificadas, pois nem sempre os artigos especificavam a teoria de suporte. O fato de não encontrarmos menção a uma teoria específica não quer dizer que os artigos não apresentavam suporte teórico. Isso pode ter acontecido por limitação de nossa metodologia que focou os resumos e utilizou a técnica de *scanning*, já que seria impossível ler todos os artigos.

Muitos dos artigos investigados são, na realidade, ensaios e, por isso, citam trabalhos de orientações teóricas diversas. Apenas 121 artigos fizeram, explicitamente, menção a uma teoria. Assim, somente 8,35 % dos artigos puderam ser classificados quanto a esse quesito. Dentre as teorias identificadas, a mais mencionada foi a Teoria Sociocultural (Vygotsky) que esteve presente como base teórica em vinte e um artigos, o equivalente a 17,35 % dentre os artigos do corpus. Em seguida, temos a Teoria da Autodeterminação (Deci and Ryan, 1985) com seis artigos cada, o correspondente a 4,95 %. Houve, ainda, menção a outras teorias, mas a recorrência de cada uma não foi significativa.

### **5.3. Metodologias de pesquisa**

Identificar a metodologia não foi, também, uma tarefa fácil, pois muitos dos artigos apenas informavam que faziam uma análise (ex. análise de erros, de gramáticas, de filmes, de erros, etc.). Predomina a pesquisa experimental, com 336 trabalhos. Foram identificadas 239 pesquisas bibliográficas, 125 pesquisas descritivas, 60 estudos de caso, 34 pesquisas que se classificavam como exploratórias, e 12 como etnográficas. Alguns artigos explicitavam apenas o instrumento de coleta e foram classificados separadamente. Assim, foram identificados 140 artigos que se valiam de questionários, 116 de testes, 102 de entrevistas, 44 de gravações em áudio e/ou vídeo, 36 de observação de aulas, 20 de análise de corpus, 18 de narrativas, 14 de diários, e 3 de protocolo verbal. Foram ignorados os dados com apenas uma recorrência.

### **5.4. Conclusões sobre a pesquisa internacional**

A amplidão do campo de Linguística Aplicada foi comprovada na diversidade dos temas identificados. Alguns eram muito específicos, outros mais abrangentes, contudo, no geral, os temas se encaixaram na classificação das comissões científicas da AILA. A grande maioria focava o ensino e a aprendizagem de uma segunda língua ou de uma língua estrangeira.

Assim como os temas, diversos métodos de pesquisa foram identificados, mas essa identificação não foi tarefa fácil, pois alguns artigos não explicitavam a metodologia. Já outros artigos, claramente não só mencionavam o método de pesquisa como detalhavam cada passo da coleta de dados, o que facilitou bastante o trabalho.

As teorias também foram poucas vezes mencionadas e são de difícil identificação, prevalecendo, como citado anteriormente, a Teoria Sociocultural de Vygotsky.

## **6. A produção da pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil**

O corpus foi composto de 691 artigos. A pesquisa foi feita com as versões online dos periódicos, com exceção da revista *Trabalhos em Linguística Aplicada* que só possui o formato impresso.

### **6.1. Tema**

O bolsista optou por classificar os artigos usando os temas das Comissões Científicas da AILA. Os textos que não se encaixaram em nenhuma das comissões foram agrupados ao final da planilha com o rótulo “Não classificados”.

Temas	RBLA	ESPECIALIST	L&E	TLA	DELTA	Total
1. Aprendizagem de Línguas por Adultos						0
2. Linguagem Infantil					1	1
3. Comunicação nas Profissões		2				2
4. Análise Contrastiva e Análise de Erro		2	2	1		5
5. Análise do Discurso	17	37	26	41	26	121
6. Tecnologia Educacional e Aprendizagem de Língua	10	8	5	7		30
7. Metodologia de Ensino de Línguas Estrangeiras e Formação de Professores	21	36	20	23		100
8. Lingüística Forense						0
9. Educação em imersão						0
10. Tradução e Interpretação	16	4	1	12	12	45
11. Linguagem e Ecologia						0
12. Linguagem e Educação em Contextos de Multilinguismo			1	1	1	3
13. Linguagem e Gênero	1	8	1	13	3	26
14. Linguagem e Mídia						0



15. Línguas em Contacto e mudança lingüísticas						0
16. Linguagem para fins específicos	2					2
17. Planejamento Lingüístico	2				1	3
18. Autonomia do Aprendiz e Aprendizagem de Língua	2		4	1		7
19. Lexicografia	2	1	2	1	1	7
20. Letramento	3	1	8	10	6	28
21. Educação em Língua Materna	1		7	6	3	17
22. Psicolingüística			1	1		2
23. Retórica e Estilística		1				1
24. Aquisição de segunda língua	20	19	10	26	10	75
25. Língua dos sinais				1	1	2
Não classificados	13	8	16	10	121	168
Total de Artigos	110	127	105	154	195	691

FIGURA 2 – Temas de pesquisa em periódicos nacionais

Dentre os artigos não classificados, alguns abordam questões como ética e parâmetros curriculares. A maioria dos artigos não classificados se encontra na Revista D.E.L.T.A e apresenta temas relacionados à Lingüística, como por exemplo, análise sintática ou semântica de palavras como "onde" relacionada com "aonde", algumas análises sobre verbos como por exemplo "análises dos verbos estativos do português", etc.

Ao comparar os cinco periódicos analisados, constatamos que não há grande diferença entre os tópicos mais pesquisados e que alguns dos temas elencados pela AILA nunca apareceram nesses periódicos.

*Análise do discurso* foi o tema mais recorrente e os artigos apareceram com mais frequência entre os anos de 2002 e 2005. Foram classificados 147 artigos dentro desse tema. Em seguida, encontramos 101 sobre *Metodologia de Ensino de Línguas Estrangeiras e Formação de Professores*, com maior ênfase na Formação de Professores de língua estrangeira. Esse tema possui uma frequência mais homogênea ao longo dos 10 anos analisados. Outro tema muito freqüente é *Aquisição de Segunda*

*Língua*, 85 artigos, que também aparece de forma homogênea ao longo dos anos analisados.

## 6.2. Teoria suporte

Não foi possível identificar as teorias de suporte na maioria dos artigos. Embora os mesmos possuam referências teóricas, elas não foram especificadas nos resumos e nem foi possível localizá-las ao longo do texto, seja com o uso do localizador, seja com estratégias de *scanning*. Dentre os 691 artigos analisados, foram detectados 126 artigos onde as teorias de suporte foram claramente especificadas (18% do total de artigos). No quadro a seguir, foram listadas apenas as teorias que apareceram em mais de um artigo nos diversos periódicos. Todas as outras teorias, tais como teoria da complexidade, inteligências múltiplas, análise de erro, teoria da relevância, etc., tiveram apenas uma ocorrência.

Teoria	Ocorrências
Sócio-interacionismo	18
Teoria Bakhtiniana	16
Análise do discurso da linha francesa	16
Análise crítica do discurso (Fairclough)	10
Teoria foucaultiana	8
Teorias de aquisição de linguagem	7
Conceitos de gênero propostos por Swales (1990) e Bhatia (1993)	5
Semântica argumentativa/Enunciação (Ducrot)	3
Estudos Descritivos da Tradução, na visão de Toury	2
Cognitivismo	2

FIGURA 3 – Teorias mais citadas em periódicos nacionais

Como podemos observar, a teoria de suporte mais utilizada é a Sócio-interacionista. Em 126 artigos, 18 explicitam essa teoria (14% das teorias encontradas), em seguida, vem a *Teoria Bakhtiniana* e a *Análise do discurso de linha Francesa*, com o mesmo número de artigos – 16 artigos (13%). Um grande destaque é dado à *Análise crítica do discurso de Fairclough*, com ocorrência em 10 artigos. Apesar de o maior número de artigos ser sobre *Análise do discurso*, os autores não fazem referências claras às teorias.

## 6.3. Método de pesquisa

Foram classificadas 53 referências diferentes à metodologia de pesquisa, incluindo métodos de pesquisa e instrumentos de coleta de dados. O método mais freqüente é o *Estudo de caso* com 183 artigos (26,5% dos artigos), seguido por *Revisão de literatura*, 144 artigos (20,8%). Há também 143 artigos (20,6%). Na forma de *Ensaio*. Muitos artigos foram classificados quanto à forma de coleta de dados por não apresentar uma metodologia explicitada de forma clara. Observe o quadro onde incluímos todos os artigos, mesmo os que não foram classificados quanto aos temas.

Neste quadro, incluímos apenas as informações sobre metodologia onde houve mais de uma ocorrência. Assim, ficaram de fora, dentre outros, um artigo que fez uso de diários, outro de pesquisa narrativa, etc..

Métodos	RBLA	ESpecialist	LE	TLA	DELTA	Total
Estudo de caso	42	62	29	34	16	183
Revisão de literatura	22	21	29	9	63	144
Ensaio	20	9	20	38	56	143
Análise de corpus	4	10	14	19	29	76
Análise de textos	3		4	4	9	20
Experimento	2	4	6	1	3	16
Entrevistas	1	3	3	7	1	15
Pesquisa Etnográfica		2	2	3	1	8
Pesquisa-ação		2	3	3		8
Questionários	1		4	2		7
Análise de corpora	2	2		2		6
Análise de narrativa	1		2	1		4
Análise de prova				4		4
Análise de sentenças					3	3
Análise de software	1			1		2
Estudo Piloto	1			1		2
Análise de documentos oficiais	1		1			2
Pesquisa de link na web		1		1		2
Análise de filmes		1			1	2
Proposta de Trabalho didático			1		1	2
Análise de curso			1	1		2
Análise de manuais de ensino de língua				2		2
Análise de livros didáticos				2		2
Análise de inquéritos					2	2

Análise de programa televisivo					2	2
--------------------------------	--	--	--	--	---	---

FIGURA 4 – Dados metodológicos em periódicos nacionais

## 7. Comparação entre a pesquisa internacional e a nacional

Analisando os dados da pesquisa sobre a produção internacional e nacional da pesquisa em LA, constatou-se que a teoria Sócio-interacionista é a mais utilizada. Observa-se também que no Brasil, com base nos periódicos analisados, há um grande destaque para as *teorias de análise do discurso*, o que não foi verificado na produção internacional. Isso, no entanto, deve ser visto com cuidado, pois a área de Letras divulga seus trabalhos, com muita intensidade, em capítulos de livros. Os periódicos isolados não, necessariamente, retratam a área com fidelidade.

Na produção internacional, o método de pesquisa mais utilizado é o *experimental* e, no Brasil, destaca-se o *estudo de caso*, o que pode indicar uma diferença na concepção de pesquisa brasileira, que demonstra afastar-se dos modelos experimentais. A análise conjunta dos periódicos demonstra que a maioria dos artigos encontra correspondência nas comissões científicas da AILA, só que no Brasil a predominância do tema está na *Análise do Discurso*, enquanto na produção internacional o destaque são os temas relacionados à *Metodologia de Ensino de Línguas Estrangeiras e Formação de Professores*.

Não foi possível identificar teorias de suporte na maior parte dos artigos classificados que, apesar de oferecerem referencial teórico, não se concentravam em uma teoria específica, talvez em função da natureza ensaística de grande parte dos textos.

## 8. Para onde vamos

Há 23 anos, Kaplan (1985, p.6) previa o futuro da LA, acreditando que um novo paradigma estaria emergindo e apontando algumas áreas de pesquisa que se consolidariam. Entre elas, ele apontava a análise do discurso, a pesquisa em aquisição de segunda língua, letramento, e a continuação do debate sobre fluência e precisão.

A pesquisa realizada pelos bolsistas do CNPq e da FAPEMIG, demonstra que Kaplan acertou em relação aos temas, com exceção da questão da fluência e precisão que parece não ter merecido a atenção dos pesquisadores em LA.

A área continua com forte afiliação aos estudos sobre ensino e aprendizagem. Enquanto outras áreas assumiram o termo educação – educação matemática, arte-educação – os profissionais da área de linguagem vinculados aos problemas de ensino e aprendizagem se acomodaram sob o guarda-chuva da LA que, na verdade, no seu

começo tratava apenas dessas questões. O termo educação lingüística não vingou, apesar de, segundo o dicionário de Lingüística Aplicada, “ser algumas vezes usado nos Estados Unidos para se referir a um ramo da Lingüística Aplicada que lida com a relação entre linguagem e educação”. John Schmitz (comunicação pessoal) lembra que Spolsky (1978) e Stubbs (1976) publicaram livros com o título “educação lingüística” que Van Lier também usa terminologia em alguns de seus artigos. De fato, “educação lingüística” é o termo proposto por Spolsky (1978) que continua fiel à terminologia, tendo lançado este ano *The Handbook of Educational Linguistics* (SPOLSKY e HULT, 2008). O primeiro capítulo, de autoria de Spolsky, explica o que ele entende por educação lingüística.

O termo educação lingüística começa a ser resgatado no Brasil. Veja, por exemplo, Bagno e Rangel (2005), discutindo as tarefas da educação lingüística no Brasil na Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, e o resumo da participação de Pedro Garcez na mesa redonda sobre Formação de Professores de Língua Estrangeira, no XI SILEL (XI Simpósio Nacional de Letras e Lingüística), na Universidade Federal de Uberlândia.

Apresento uma proposta inicial para a qualificação e a prática do conceito de educação lingüística na formação de professores de língua (estrangeira). Examino sinoticamente situações de ensino de língua estrangeira que tenho estudado e testemunhado em encontros de discussão e formação de profissionais de ensino de língua, em cenários que vão desde o ensino de inglês e outras línguas estrangeiras em cursos livres e na escola pública regular, passando pelo ensino de português para falantes de outras línguas, até a educação bilíngüe e escolar indígena. A experiência sugere que é importante haver propósitos norteadores claramente indicados a perseguir nesses diferentes cenários. Assim, busco traçar paralelos e distinções relevantes para se pensar os cenários que exigem formação ou de professores de língua estrangeira ou de educadores em língua estrangeira. Desenvolvo a idéia de que, para formar profissionais de educação lingüística, é preciso criar condições para a prática de conceitos educacionais em cenários concretos de modo a superar o fenômeno de professores que, em situações de confronto, reproduzem o que experimentaram na sua carreira escolar como alunos, e também o freqüente isolamento dos professores de língua estrangeira no sistema regular de ensino. Discuto a necessidade de os formadores de professores de língua estrangeira assumirem uma postura informada e realista para a educação lingüística no sistema regular de ensino, sobretudo nas redes públicas. Para tanto, proponho que se enfatize a reflexão acerca de procedimentos de avaliação coerentes com os propósitos da educação lingüística. Por fim, procuro estimar quais providências formadoras seriam bem-vindas nos cenários de credenciamento formal de professores de línguas estrangeiras.

O termo “educação lingüística” está presente também em Moita Lopes (2006), na dedicatória à Profª Antonieta Celani, e na apresentação de Miranda (2007) do n.2 da revista *Veredas* da UFJF. Nomear os estudos sobre ensino e aprendizagem como “educação lingüística” seria benéfico tanto à lingüística quanto à lingüística aplicada, independente da afiliação de seus pesquisadores à LA ou à Lingüística, pois daria realce a essa dimensão importante dos estudos da linguagem.

Ser ou não um lingüista aplicado é hoje muito mais uma questão de afiliação ideológica do que de identidade epistemológica. Tanto é assim que temos pesquisadores trabalhando com questões de ensino que se rotulam como lingüistas e outros trabalhando com questões de lingüística textual que se rotulam como lingüistas aplicados.

A lingüística caminha ao encontro da LA e é emblemático o anúncio que Miranda (2007) faz de uma nova linha de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Juiz de Fora, na introdução de um dos volumes da revista *Veredas*.

O Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Juiz de Fora anuncia, através do presente número de seu periódico VEREDAS, seu novo espaço de discussão acadêmica instaurado pela nova linha de pesquisa “Lingüística e Ensino de Língua”. A criação de um projeto investigativo voltado para as questões do ensino-aprendizagem de línguas em uma universidade pública brasileira dispensa qualquer justificativa, mas o seu elo com a Lingüística reforça, ainda uma vez, o necessário e desejado entrelaçamento das pesquisas contemporâneas dessa área com as questões da educação lingüística.

Nesse sentido, não há como negar que os avanços obtidos em nosso país, nas últimas décadas, em relação à construção de um sólido conhecimento sobre o ensino de línguas e, em especial, de Língua Portuguesa, devem muito ao compromisso dos lingüistas com a causa da educação. São plurais as contribuições nesta área graças às agendas investigativas propostas pela Lingüística Aplicada e à crescente sensibilidade da Lingüística e áreas afins aos processos de constituição da significação, do entendimento, em instâncias reais de discurso.

Os congressos da ABRALIN (Associação Brasileira de Lingüística) demonstram que a lingüística não é mais a mesma, e que seus estudos formais constituem um grupo cada vez menor. A área foi invadida pelos estudos do discurso, do texto e da aprendizagem. Já a LA se aproxima cada vez mais dos estudos sociais com as pesquisas sobre identidade, as investigações de base psicanalítica e as divergências epistemológicas.

Ao tentar responder à questão desta sessão final, me arrisco a dizer que estamos caminhando para o aumento da diversidade temática, para o abrandamento das

fronteiras entre as áreas, para um encontro mais fraterno com os colegas da lingüística, mas, também, para o enfrentamento de divergências dentro da própria LA.

Com o crescimento da área, aparecem as divergências e também a intolerância dos que se apegam a modelos tradicionais e não admitem o novo. Teremos que conviver também com a imaturidade de alguns que abraçam determinadas vertentes como se fossem donos da verdade e saem, rotulando, pejorativamente, os colegas que se dedicam a outros tipos de pesquisa de cartesianos, positivistas, etc., como se estes estivessem cometendo pecados epistemológicos. Como há várias formas de se fazer ciência, há também espaço para todos, desde que o respeito e a ética sejam os pares preferenciais.

### Referências Bibliográficas

AILA. Disponível em < <http://www.aila.info/about/index.htm> >. Acesso em 15 de janeiro de 2008.

APPLIED LINGUISTICS. Disponível em

<http://www.oxfordjournals.org/applij/about.html> . Acesso em 07 de janeiro de 2008.

BAGNO, M.; RANGEL, E. O. Tarefas da educação lingüística no Brasil. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*. v.5, n.1, p.63-81, 2005.

BRUMFIT, C. How Applied Linguistics is the same as any other science. *International Journal of Applied Linguistics*. v. 7, n.1, p.86-94, 1997. Reproduzido em SEIDLHOFER, B. *Controversies in Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p.295-302.

BYGATE, M. Some current trends in applied linguistics: towards a generic view. In: GASS, S.; MAKONI, S. *AILA Review*. V. 17. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p.6-22.

CANDLIN, C. Notes for a definition of applied linguistics in the 21<sup>st</sup> century. *AILA Review*, n.14, p.76-114, 2003.

CAVALCANTI, M. C. A propósito da lingüística aplicada. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. n. 7, p.5-12, 1986.

CAVALCANTI, M. C. Applied Linguistics: Brazilian perspectives. In: *AILA Review*, n.17, p. 23-30, 2003.

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é lingüística aplicada. In: PASCHOAL, M.S.Z.; CELANI, M. A. A. (Orgs.) *Lingüística aplicada: da aplicação de lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992. p. 15-23.

CENTER FOR APPLIED LINGUISTICS. Disponível em:

<<http://www.ling.ed.ac.uk/study/postgrad/mscal/>>. Acesso em : 8 de janeiro de 2008.

CUNHA, M. J. C. Momentos históricos na pesquisa na área de língua inglesa. In: STEVENS, C.M.T.; CUNHA, M. J. C. (Orgs.) *Caminhos e colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003. p.169 -223.

DAVIS, A. L. Editorial, *Language Learning*. v.1, n.1, p.1-2, 1948.

GARCEZ, Pedro Moraes. Um conceito de educação lingüística para a formação de professores de língua (estrangeira). Disponível em:  
<<http://www.mel.ileel.ufu.br/Silel2006/caderno/mr/PedroGarcez.htm> .>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2008.

GRABE, W.; KAPLAN, R.B. *Introduction to Applied Linguistics*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1991, p.13-31.

KALAJA, P. *Homepage pessoal*. Disponível em: <[www.jyu.fi/hum/laitokset/kielet/oppiaineet\\_kls/englanti/staff/kalaja](http://www.jyu.fi/hum/laitokset/kielet/oppiaineet_kls/englanti/staff/kalaja)>. Acesso em 10 de janeiro de 2008.

DAVIES, A.; ELDER, C. (Eds.). *The Handbook of Applied Linguistics*. Malden, MA; Oxford: Blackwell, 2004.

KAPLAN, R.B. (Ed.). *The Oxford Handbook of Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

KAPLAN, R.B. Applied Linguistics, the state of the art: is there one? *English Teaching Forum*. p.1-6. April, 1985.

LANGUAGE LEARNING: A JOURNAL OF RESEARCH IN LANGUAGE STUDIES. Disponível em:  
<<http://www.blackwellpublishing.com/journal.asp?ref=0023-8333&site=1>>. Acesso em 10 de janeiro de 2008.

McARTHUR, T. (Ed.). Applied linguistics. In: *Concise Oxford Companion to the English Language*. Oxford: Oxford University Press, 1998. Disponível em <http://www.encyclopedia.com/doc/1O29-APPLIEDLINGUISTICS.html>. Acesso em 5 de janeiro de 2008.

MIRANDA, N. S. Apresentação. *Veredas*. n. 2, p.1. 2007. Disponível em [http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas\\_ensino/apresentacao.pdf](http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_ensino/apresentacao.pdf) , Acesso em 11 de janeiro de 2008.

MOITA Lopes, L. P. (Org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM LINGÜÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM (LAEL), PUC-SP: São Paulo. Disponível em <<http://www.pucsp.br/pos/lael>>. Acesso em 15 de janeiro de 2008.

RAJAGOPALAN, K. A prática da lingüística e a lingüística da prática: um depoimento pessoal. *Intercâmbio*. v. 6, p. 3-8, 1997.

SEIDLHOFER, B. *Controversies in Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

SPOLSKY, B. *Educational linguistics: an introduction*. Rowley, MA: Newbury House, 1978.

SPOLSKY, B; HULT, F. *The Handbook of Educational Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2008.

STREVENS, P. Applied Linguistics: an overview. In: GRABE, W.; KAPLAN, R.B. *Introduction to Applied Linguistics*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1991, p.13-31.

STUBBS, M. *Educational Linguistics*. New York. Basil Blackwell, 1986.

TUCKER, G.R. Applied Linguistics. Disponível em: <<http://www.lsadc.org/info/ling-fields-applied.cfm>>. Acesso em: 7 de janeiro de 2008.